

Robocop: entre o arbítrio robotizado e a liberdade humana

Gazy Andraus

Resumo: A cultura pop permite reflexões acerca da natureza humana e a tecnologia numa apreensão maior na condução da vida. Esse artigo expõe como exemplo o filme Robocop, no qual o policial Alex Murphy é assassinado por criminosos e reutilizado como um robô policial, mas que aos poucos recobra sua memória e resgata seu livre arbítrio, insurgindo-se contra a corporação corrompida. No filme original há ironias críticas acerca das mídias, da corrupção na polícia e política, o autoritarismo, e principalmente a questão filosófica do livre arbítrio e o embate entre o humano e o robotizado. Este artigo aborda também a refilmagem de Robocop e considera para melhor desenvolvimento a classificação de conceitos para robôs e ciborgues por Isaac Asimov e o livre-arbítrio discutido por Huberto Rohden, concluindo com a questão da perda do humano para a tecnologia, ou seja, a hipertrofia do tecnicismo e a atrofia do humanismo, metaforizados no filme.

Palavras-chave: Cultura Pop, Filme, Metáfora.

Artigo ora revisado e modificado (originalmente apresentado no II Fórum Nacional de Pesquisadores em Arte Sequencial - ASPAS em setembro de 2014 dentro do Congresso Internacional das faculdades EST em São Leopoldo-RS (<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso>)).

Gazy Andraus, Doutor em Ciências da Comunicação pela USP, professor Designado da UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais.

Robocop: between the robotic will and human freedom

Abstract: Pop culture allows reflections on human nature and technology in a greater apprehension of conduct in life. This article gives the example of the movie Robocop, in which the officer Alex Murphy is killed by criminals and reused as a police robot, but slowly regains his memory and redeem their free will, rebelling against a corrupt corporation. In the original film are no reviews ironies about the media, corruption in the police and political authoritarianism, and especially the philosophical question of free will and the conflict between the human and the robot. This paper also addresses the remake of Robocop for better development and considers the classification of concepts for robots and cyborgs by Isaac Asimov and free will discussed by Hubert Rohden, concluding with the question of loss of manpower for technology, *ie* hypertrophy and atrophy of the technicality of humanism, metaphorized in the film.

Keywords: Pop Culture, Movie, Metaphor.

Considerações Iniciais

RoboCop: um ciborgue, máquina, herói e/ou humano?

RoboCop¹ é um filme norte-americano dirigido em 1987 por Paul Verhoeven, e retrata uma ficção científica que decorre num futuro próximo na cidade de Detroit, profundamente corroída pelo crime. O policial Alex Murphy é assassinado por grupo de criminosos, e subsequentemente é revivido pela OMNI (OCP²), como um policial

1. Traduzindo-se do inglês: “tira robô”; “policial-robô”.

2. Sigla da fantasiosa *Omni Consumer Products*.

ciborgue sob o codinome de “RoboCop” (Fig. 1), e transformado sem a memória humana, como protótipo de uma série a ser feita, a partir desse experimento. Porém, ele pouco a pouco vai recobrando sua memória e começa a atuar mais por livre arbítrio que pelas ordens expressas em seu programa insurgindo-se contra a corporação corrompida. Há nas temáticas do filme original, uma ironia fina à falácia das mídias, à corrupção na polícia e política, autoritarismo, e mais que tudo, há também a questão filosófica do livre arbítrio na natureza humana e o humano como parte integrante de um ser vivente.

A refilmagem recente de RoboCop (2014) foi dirigida pelo brasileiro José Padilha, cujas ironias foram excluídas, embora algumas premissas tenham se mantido. Nesta versão atualizada, porém, o policial Murphy não morre totalmente e tem implantado em seu cérebro chips de comandos, incluindo sua cabeça, coração e pulmões que sobram e são incorporados na estrutura cibernética atualizada que o transforma num humanoide ciborgue. (Figs. 2 e 3)

O enredo, no geral, em ambos os filmes, traz um futuro não longínquo, no ano de 2028, em que robôs são usados para garantir a se-



Fig. 1: Capa do gibi Aventura e Ficção. Fonte: arquivo pessoal, 1987. © Editora Abril.



Fig. 2 - Capa do DVD de RoboCop original. Fonte: arquivo pessoal, 1987. © Orion Pictures Corporation.



Fig. 3 - Imagem do RoboCop refilmado). Fonte: <http://tudoparahomens.com.br/ou-novo-robocop-ira-honrar-o-10-filme-assista-ao-novo-trailer>. © Tudo para Homens.

gurança e a empresa OMNI Corp, criadora das máquinas, que busca melhorar a atuação policial criando um robô antropomorfizado, cuja oportunidade aparece quando utilizam o policial alvejado Alex Murphy.

Reflexão

Quando eu³ assisti o filme “RoboCop” original no cinema, nos idos de 1987, eu tinha meus vinte anos. Era ávido pelos quadrinhos, pelos desenhos, pela índole heroica altiva, séria e a moral ética dos heróis.

3. Quero deixar este início em primeira pessoa para o leitor perceber o impacto que uma arte pode causar na psique de uma pessoa, no caso, eu como exemplo. Mas todo o restante deste artigo leva um tom impessoal com intensa pesquisa bibliográfica na área de ficção científica e filosofia ocidental cristã, para culminar em uma reflexão conexa ao tema desperto pela premissa do filme: o humano, o artificial e o resgate do ser.

Os valores estavam sendo inculcados em mim desde a tenra infância, seja porque fui instruído por meus pais, seja porque me eduquei nos seriados, desenhos e filmes que traziam esses fatores (Superdínamo, Ultraseven, Zorro, Spartacus etc.), os quais eu abraçava com extremada vontade, inclusive representando-os ao atuar brincando! O mesmo havia nos gibis, e ingressando na minha adolescência fui ter com a filosofia existencial do Surfista Prateado e Capitão Marvel (de Jim Starlin) ou os atos heroicos dos X-Men (sem os exageros e despreparos juvenis dos de agora, espelhando a formação dos atuais e jovens autores).

No cinema, após assistir RoboCop, saí tomado de um furor similar a de anos anteriores após ver Guerra nas Estrelas e Superman - o Filme (tanto o primeiro como o segundo do homem de aço), pois neste caso fiquei impactado pela questão da consciência do personagem Murphy, que de tira virou quase uma máquina (robô) e em seguida foi recuperando sua humanidade, apesar de ter restado apenas o cérebro e rosto dele na reelaboração pela fictícia e um tanto corrupta *OMNI CORP*, que o reconstruiu como um ciborgue (em breve discutirei tais conceitos: robô, androide, humanoide etc.).

Desta versão, foi refeita uma mais recente de RoboCop pelo cineasta brasileiro Padilha, que igualmente apreciei, mas num grau menor devido à ausência das ironias, embora ainda houvesse o tom político do original, como a questão da corrupção (há também a simbologia do uso da cor nessa refilmagem: quando retiram toda memória-humanidade de Murphy, de vez, ele reaparece com uma veste de metal preta, diferentemente da cor mais clara do início). É óbvio que muitos aspectos se modificaram do filme original pra

esse, inclusive a sensível melhora tecnológica dos efeitos especiais. Ainda assim, o trailer do antigo é muito bem feito e traz a dubiedade ao intercalar o humano e a máquina⁴, como era enxergado RoboCop por alguns policiais e empresários, deixando essa dubiedade chegar ao público, além da fina ironia ao final do trailer quando apresenta o herói como “o futuro da força policial”, algo típico do diretor Paul Verhoeven (que recrudescer tais ironias em “Tropas Estelares”, criticando bem a mentalidade das corporações norte-americanas e a perda da humanidade e livre-arbítrio).

Saliento que apesar de na nova refilmagem de 2014 as explicações quanto ao processamento de integração da inteligência do policial com os chips e os implantes, bem como a discussão filosófica intensa ser bem embasada e profunda, lembrando as diretrizes de “Eu robô” de Asimov, transparece uma melhor coerência conquanto às crises de consciência e de livre arbítrio no filme original, e aqui diversos fatores podem ter contribuído, incluindo o carisma do ator.

Porém, o debate homem-máquina (que é mencionado no trailer, junto com o conceito de ciborgue) requer para um melhor entendimento de tais conceituações uma prévia explicação desses detalhes, aqui fornecida por Isaac Asimov (1984, p. 84-85) em seu livro “No mundo da Ficção Científica”. Foi nele que li argutas explicações conceituais que esclareceram melhor conquanto a esses termos.

4. Vide o trailer do Robocop original aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=43ldcQL-bT8&feature=youtu.be>.

Conceituando Robocop: androide, ciborgue, máquina, robô ou que?

Asimov (1984) explana que *Anthropos* (do grego) significa “ser humano” de onde deriva antropoide (na forma de um humano). Os “apes” (do inglês, macacos), são os desprovidos de cauda, ou macacos antropoides, como gorilas, chimpanzés, orangotangos e gibões. Para Asimov, em inglês há uma persistente tendência em abreviar e simplificar a linguagem, pela qual há uma mudança usando-se um adjetivo como substantivo: na derivação, por exemplo, ao utilizarem o termo “antropoides” no lugar de “macacos”, o que para Asimov é um erro, para quem o termo mais apropriado seria “pitecoide” (do grego *pithekos* que significa macaco).

Já de *andros* que significa homem (humano do sexo masculino) derivou-se androide (semelhante ao homem), que não se encaixaria num artefato artificial feito por um cientista, cujo produto, caso tivesse a forma e a aparência de um humano, seria tido por “invento antropoide”, ou com o adjetivo “antropoide”, cuja palavra não seria empregada porque lembraria algo similar a um macaco. Assim, ao invés, pode-se usar o substantivo “androide”, mas que deveria ser um produto artificial com a aparência de um homem.

Se houver outro invento com a aparência de um humano feminino dever-se-ia ser reconhecido de “ginoide”, palavra derivada do grego *gine* (mulher). Porém, “androide” passa a ser usado para ambos os sexos (ou algo assexuado). Já “robô” é uma palavra de origem tcheca (“robotá”), que foi criada em 1920 significando literalmente escri-

vo, servo, e foi usada para uma peça de teatro de autoria do tcheco Karel Capek, em que na história há uma produção em série de humanos mecânicos que trabalham como servos. Diz ainda o cientista e escritor Asimov (1984) que ao se traduzir ao inglês, dever-se-ia ter empregado o vocábulo “*slave*” (escravo), mas manteve-se o termo “robot” que acabou sendo usado no mundo todo, pois “slave” geralmente é usado a humanos, e teria sido difícil estabelecer a relação com os seres artificiais para a peça teatral.

Assim, “robô” e “androide” referem-se a humanos artificiais e poderiam ser palavras sinônimas, mas em muitas histórias de ficção científica (FC) a partir de 1926, tais máquinas foram descritas como feitas de metal. Como consequência, o termo robô passou a se referir especificamente ao humano produzido artificialmente, principalmente fabricado de metal (como os *drones* do filme atual RoboCop, por exemplo, que servem obedecendo à polícia), ou de substância idem, o que ironicamente destoa dos “robotas” que Capek criou para sua peça, em que seriam andróides, pois seriam como humanos artificiais (lembrando os andróides ou clones no filme Blade Runner), e não de metais.

A explanação de Asimov agora aporta na palavra grega *automatos*, que designa qualquer aparelho que se mova sozinho (automático). Um ser humano artificial pode ser tido como um *automaton* (autômato), mas tal termo seria usado para designar um androide ou robô “destituído de grande inteligência ou dela totalmente desprovido” (ASIMOV, 1984, p. 84). Igualmente no latim, há o termo “homo” de onde deriva *humanus*. “Um objeto artificial de forma humana não seria um humanoide?”.

A esta pergunta feita por Asimov (1984), sua própria resposta é positiva, porém, lembrando que “androide” ainda preenche o espaço suficiente, já que o termo “humanoide” na ficção científica é usado para denotar uma criatura viva, de forma humana que nasce de ventre materno ou sofre de alguma evolução, e não aquela que teria sido fabricada. O mesmo termo serviria para um ser que nasceu ou evoluiu em algum outro planeta que não a Terra, mas que tem a forma humana. Donde se conclui que qualquer ser nascido na terra é um terráqueo (ou terreno) e o que nasceu noutra planeta é um extraterrestre, apesar de que na ficção científica esse termo se restrinja às espécies dotadas de inteligência, e se houver alguma espécie desprovida de tal, deve ser designada como humanoide apenas (se tiver a forma humana, claro).

Agora temos *monstrum* – do latim – significando áugure, aquele que adverte os homens contra as desgraças, sendo que humanos e animais que nascem com deformidades costumam ser considerados portadores de avisos divinos de futuras desgraças, daí o termo monstros e de onde veio o “monstro de Frankenstein”, criado com pedaços de cadáveres, e que pode ter sido a primeira literatura de FC da história. Asimov ainda percorre os significados de “Golem” (do hebraico) que significa porção de massa sem sopro de vida e guarda semelhança com a noção do monstro de Frankenstein, enquanto que a palavra árabe “ghulam” quer dizer servidor e guarda certa semelhança com robô.

Asimov acredita assim que Golem seria um robô ao qual foi destilada vida através de um encantamento de palavras religiosas, e, portanto, não mediante aplicações de cientificidade. Mas no referido

capítulo do livro de Asimov (1984), ele não especifica o termo “ciborgue” em que, segundo o dicionário Aurélio Séc. XXI⁵, consiste num organismo cuja estrutura tem partes orgânicas e dispositivos mecânicos que comandam suas funções fisiológicas vitais.

Já segundo Kunzru (2009) o termo “cibernético” derivaria de uma concepção dada por dois autores, Manfred Clynes e Nathan Kline, em 1960, quando desenvolveram o rato de Rockland que possuía uma pequena bomba osmótica instalada nele para controlar vários parâmetros fisiológicos, tornando-o o primeiro ser vivo meio animal, meio máquina - um ciborgue: [cyborg] abreviatura de “cybernetic organism”; os pesquisadores queriam desenvolver um homem melhor adaptado caso fosse ao espaço. Daqui lembramo-nos da série *Ciborgue – o homem de 6 milhões de dólares*, que possuía alguns membros inseridos de máquina, mas superiores em qualidade aos de carne.

A obra de Edgar Franco e Mozart Couto (2013) “Biocyberdrama” (Fig. 4) flerta com as próteses e mudanças genéticas em que duas raças podem “melhorar” a si mesmas modificando suas estruturas genéticas ou transplantando suas consciências em máquinas humanoides mesclando-se com outras formas lendárias, como centauros etc.

No caso de RoboCop, sendo este um misto de cérebro humano com chips e corpo de metal no formato humano, com base nas explicações acima, posso classificá-lo em várias das categorias explicadas:

5. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (dicionário); BARROSO, Márcio Elery Girão (software). Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI. Nova Fronteira. Software do dicionário. MGB Informática LTDA. Novembro de 1999.



Fig. 4: Capa de BioCyberDrama saga. Fonte: Arquivo pessoal do autor.

- a) Um ciborgue, já que tem suas partes mescladas a material cibernético (mais ainda este segundo Robocop);
- b) Ou um robota (ou robô), mas que tem a forma humanoide;
- c) Ou um androide que também se torna um Golem (cujo sopro ou encantamento seria atinente à própria consciência desse homem que redesperta aos poucos, como antes de ter sido tornado “monstro artificial” após sofrer o atentado), pois que em realidade tem a essência de um ser humano cujo livre arbítrio é questionável, já que passa a possuir normas programadas na instalação com o chip colocado em seu “hardware” (cérebro), induzindo a que a consciência do homem pense que tem as condições de atuação a seu arbítrio (e que em realidade não o tem). Poder-se-ia fazer tal paralelo aos outros homens comuns, pois que a ciência já identificou que por frações de

átimos a mente “atua” uma ação antes de esta se figurar na consciência arbitrária humana (o que quer dizer que o arbítrio, toda maneira, continua não sendo totalmente livre):

Experimentos que vêm sendo realizados por cientistas há anos conseguiram mapear a existência de atividade cerebral antes que a pessoa tivesse consciência do que iria fazer. Ou seja, o cérebro já sabia o que seria feito, mas a pessoa ainda não. Seríamos como computadores de carne - e nossa consciência, não mais do que a tela do monitor. Um dos primeiros trabalhos que ajudaram a colocar o livre-arbítrio em suspensão foi realizado em 2008. O psicólogo Benjamin Libet, em um experimento hoje considerado clássico, mostrou que uma região do cérebro envolvida em coordenar a atividade motora apresentava atividade elétrica uma fração de segundos antes dos voluntários tomarem uma decisão – no caso, apertar um botão (YARAK, 1012).

Assim, tal impasse só impulsiona o roteiro do filme a um nível ainda mais profundo e filosófico em que não se sabe se RoboCop é um ciborgue (que Asimov não menciona, mas que podemos dizer que tem partes cibernéticas acopladas à humana); um androide, pois tem seu corpo quase todo tomado pela tecnologia do metal; um robô, quando sua consciência é “enganada” pelo chip para obedecer ordens programadas; um “monstro”, pois tem parte de seu corpo (cabeça, coração e pulmões) funcionando apenas, misturados à máquina num arremedo de humano e numa conformação maior que um homem e mais assustadora ou algo além disso, como um pós-humano na acepção de Franco e Couto (2013).

De toda a maneira, surge outro impasse: Murphy possuía seu livre-arbítrio antes de ser morto? E depois de ser “ressuscitado” como um autômato pela OMNI, estaria desprovido de liberdades de escolhas? Pois ao retomar suas memórias como humano aos poucos (aquelas de antes de sua “morte”), RoboCop passa a ser guiado novamente por seu livre-arbítrio? Mas poderia haver mesmo um livre-arbítrio, se como o sabem os cientistas atuais, a região que coordena os movimentos tem numa fração de segundos uma atividade elétrica antes da vontade de decisão do próprio ser humano?

Na refilmagem de RoboCop, outra inserção inovadora, além do aprofundamento das explicações científico-cognitivas, vem acerca da complexidade cirúrgica mente/corpo do homem/máquina de Murphy/RoboCop, que são as pinturas⁶ do artista britânico Francis Bacon (INFOPÉDIA, 2003-2014) inseridas no cenário fílmico, em que nas imagens expõem-se algo como carnes retorcidas na figura de um ser humano, reforçando imagetivamente a realidade a que se submeteu o policial quando a bomba em seu carro detonou e o desfigurou, além de remeter metaforicamente à inserção de “carne e metal” ao que lhe restou naquilo que veio a ser a complementação tecnológica de seu corpo, ao ser reelaborado como RoboCop.

A inovação no roteiro dessa refilmagem, a meu ver, mais importante, é a referência dessas três pinturas de Francis Bacon na sala do dono da Omini Corp (Fig. 5) representando o ser humano retorcido, a carne desfigurada, típica das obras de Bacon. Lembrando que são obras caras – e então emolduram uma gigantesca indústria cujo

6. Tais artes foram noticiadas anos atrás como umas das vendas do mercado artístico mais caras do mundo.



Fig. 5: Imagem do filme em que se vê na parede ao fundo da sala do dono da OMNI CORP o tríptico de Francis Bacon “Trilogia Oresteia”.

Fonte: <http://www.mikeettner.com/tag/francis-bacon/>

nome “*omni*”, do latim, significa “tudo” e “*corp*”, de corpo, corporação. Então é a epítome de onde aportou o pensamento capitalista da civilização: uma mega indústria que tem como objetivo a produção de um ser que substitua o humano, o homem, gerenciando a vida de todos, com vastos conhecimentos tecnológicos, inclusive capazes de “ressuscitar” uma pessoa, ainda que num arremedo de si mesma, sem memória e tecnologicamente modificada, tal qual a figura distorcida dos quadros de Bacon, conforme explica Lovett (2014):

“There’s a classic moment,” said Padilha, “where Joel wakes up and looks at his hands and says ‘What kind of suit is that?’ And Dr. Norton says ‘It’s not a suit, it’s you.’ This is where we go away from Iron Man, because it’s not a suit, it’s him. He’s become a robot, and he’s become a robot because a corporation wanted to make a product. So, his body has been

transformed and his psychological reality has been molded for a purpose that's not his own. That reminded of Francis Bacon paintings. Bacon puts figures in his paintings and isolates them from the rest of the painting, and they're always twisted, and you can look at it different ways, as society deforming them or their own psychological reality deforming them...I gave those painting to Martin Whist, the production designer, and told him to design the lab after those paintings, and the docking station, and the scene where he is set apart...if you look at the design they're quite similar”⁷.

Assim, a arte de Bacon se presta à deformidade física que se enclausura pela ciência tecnológica, tal qual um homem contemporâneo avesso à ética e moral e propenso apenas aos ganhos (pois a arte de Bacon também é uma das mais valorizadas do mercado internacional artístico, e aparentemente, à OMNI, o fato de tal obra estar pendurada em suas paredes, representa ao mesmo tempo, na sua imagem distorcida, a essência do que a indústria faz ao desagregar a

7. Tradução: “Há um momento clássico”, disse Padilha, “onde Joel acorda e olha para suas mãos e diz: “Que tipo de veste é essa? ‘E o Dr. Norton diz ‘Não é uma vestimenta, é você.’ Este é onde nós fomos além de um homem de ferro, porque não é uma veste, é ele. Ele se tornou um robô, e ele se tornou um robô porque uma corporação queria fazer um produto. Assim, seu corpo foi transformado e sua realidade psicológica foi moldada para um propósito que não seja o seu próprio. Isso lembra pinturas de Francis Bacon. Bacon coloca figuras em suas pinturas e isolá-las do resto da pintura, e elas estão sempre torcidas, e você pode olhar para elas de diferentes maneiras, como a sociedade deformando-os ou suas próprias realidades psicológicas deformando-as...Eu dei aquelas pinturas para Martin Whist, o designer de produção, e disse-lhe para projetar o laboratório depois dessas pinturas, e a estação, e a cena em que ele é separado...se você olhar para o design são bastante semelhantes”.

sociedade com o consumo e a frieza sem vida, e nesse caso específico do roteiro de RoboCop, a desagregação e supressão do humano em prol da tecnologia, bem como o alto valor das ações da corporação e engrandecimento capitalista).

Livre Arbítrio e agrilhoamento

Aqui se revê a questão da perda da essência humana (ou da liberdade) para a tecnologia fria e racional (RoboCop seguindo diretrizes da OMNI).

Pois vejamos: o ser humano é um animal racional. Mas não só: é também emocional e lúdico (MORIN, 2004), e tem uma personalidade (do latim: *persona* é máscara e *per sonare*: falar através de), sendo que por trás da persona está o indivíduo: indiviso, o que não se divide (átomo, em grego), segundo Rohden (1982), que afirma que o ser humano não só não pode se dividir, como não é separado do Todo Universal. Mas também não é o homem esse “Todo”, sendo, pois, parte integrante dele.

Para Rohden, o dualismo (cartesiano racional) separou o homem do todo, o panteísmo o identificou como igual, mas o universalismo real expõe que não se é separado, nem se é o todo, sendo a essência humana a que se une a ele. Rohden coloca a razão ou alma manifestando-se pelo Eu do homem (superior ao ego), e o intelecto ou inteligência manifestando-se pelo ego: para Carl Gustav Jung, o *Self* poderia ser entendido como o Eu de Rohden, e o eu de Jung equivaleria ao ego estipulado por Rohden, que ao citar o Baghavad Ghita, expõe que o ego é um ótimo servidor ao Eu, mas um péssimo senhor.

Para Rohden, esse mesmo ego-persona é o homem físico-mental-emocional, que acaba se desviando de um caminho cósmico, pecando (se desviando da rota, conforme o significado original dessa palavra). Ora, apesar da carga pejorativa deste termo, “pecado” significa desvio de caminho: o ego (equivalente ao hemisfério cerebral esquerdo, se se igualá-lo à racionalidade) “peca” em seu uso quase exclusivo de seu livre-arbítrio⁸, porém num senso egoico que acaba se automatizando sem dar “ouvidos” a seu Eu (conectado ao todo: hemisfério direito do cérebro, intuitivo), desviando-se de seu caminho uno ao Todo (Universo), desconectado, elaborando todo tipo de afazeres (graças a seu pragmatismo da porção cerebral central), ora sensata, ora insensatamente.

O cérebro humano atua de uma maneira sistêmica, porém, ao hemisfério esquerdo a racionalidade e a linearidade lhe competem em mais monta, enquanto que ao direito, a intuição espiritual criadora, o não linear (e o imagético) se lhe manifestam nessas habilidades em graus maiores, enquanto que ao cérebro réptil central, o senso do pragmatismo lhe faculta as ações. Todas, lembrando, coadunadas e funcionando em uníssono, mas a depender dos tipos de estímulos, a mente pode ser mais racional, ou mais intuitiva, ou ainda mais pragmática, onerando um e/ou menosprezando outro, se mal estimulada em suas funções (ANDRAUS, 2006).

Assim, ao buscar um despertar interno, o homem pode reconectar-se (religião significa *religare*) se estimulando seu cérebro direito: a espiritualidade (independente de qual “religião” se escolha) é um

8. Apesar de que, tal qual a ciência está descobrindo, talvez o livre-arbítrio possa não existir como o pensemos, conforme visto.

caminho interno de autodesenvolvimento, de educação (*educere*) de trazer de dentro o que há em essência. O Taoísmo, e depois o Budismo e Cristianismo, bem como outras manifestações espiritualistas, buscam esta união do homem ao todo, numa vida mais equilibrada na realidade tridimensional, conforme Capra (1990) assevera, confrontando as semelhanças da mente oriental atinente a tais filosofias com o paradoxo da física quântica. Amit Goswami (2005) explica que a mente humana vem antes da matéria (do cérebro), contrariando o aceite atual científico, de que é o cérebro quem cria a mente (pois se assim o fosse, a luz derivaria da matéria).

Interessante que para Rohden (1984), o livre-arbítrio tem por base graus de consciência, aproximando o humano de algo superior a ele (o divino), ou afastando-o. E daí, o livre-arbítrio é minimizado. Ora, vejamos: Rohden destaca que para alguns cientistas, o conceito de livre-arbítrio não é possível dentro do universo, pois que o Cosmos governa por determinismo absoluto e universal. Mas Rohden contesta isso, pois que o determinismo sendo causalidade e indeterminismo sendo não-causalidade, haveria um paradoxo em se ter o indeterminismo ao homem, já que tudo no universo é regido por uma cadeia de causas e efeitos e seria inadmissível coexistir o indeterminismo (o livre-arbítrio) com o universo que é determinista.

Rohden retifica então, o termo livre-arbítrio, como **não sendo efeito sem causa**⁹ e sim um auto-determinismo (e não alo-determinismo¹⁰): o livre-arbítrio de alguém, segundo o educador e filósofo brasileiro, seria o poder interno como causa própria, tornando

9. Grifo meu.

10. Para Rohden, “alo-“ é um prefixo para algo que vem de fora e “auto-“, de dentro.

o ser humano um auto-agente e não um alo-agido, sendo assim um auto-causante e não um alo-causado:

no ser livre há uma **substância auto-agente**, que neutraliza as **circunstâncias alo-agidas**. Nos seres não-livres não há consciência de uma substância central auto-causante, há tão-somente circunstâncias periféricas alo-causadas (ROHDEN, 1984, p. 72).

Isso significa, para Rohden, que o ser humano detentor de livre-arbítrio é agente causador de ações no universo (na física quântica isso é claro, pois é o pesquisador e sua presença que fazem com que a micropartícula seja definida num tempo-espaco), e que pode mudar os destinos (circunstâncias não-agidas), enquanto que nos seres sem livre-arbítrio (animais, por exemplo), as ações advêm de circunstâncias alo-causadas por uma matriz que viria de uma fonte não pessoal.

Porém, o filósofo educador brasileiro salienta ainda que a causa única e absoluta do ser é atingir a liberdade e quando este ser finito torna-se cõscio da presença dessa Causa Una é então que participa de liberdade do Ser Absoluto e se torna livre por participação, na medida da sua conscientização, sendo o grau de liberdade diretamente proporcional ao grau de consciência que um ser finito tem da presença do Ser Infinito. Sendo assim, Rohden explica que se o grau for zero, a liberdade será nula.

E aqui posso retomar a questão científica atual em que a ciência começa a duvidar do livre-arbítrio (já mencionada neste artigo): se para Goswami (2005) a mente é que forma a matéria/cérebro, e se para Rohden (1984) o livre arbítrio advêm de uma união do ser com

o Ser Infinito, na qual há uma proporção de atuação dependente da autoconscientização desse ser em relação à existência e ao universo, a medição científica que constata que a atividade elétrica “expõe” em frações de segundos antes, determinado movimento deliberado que está sendo “pensado” pela mente de uma pessoa (pensando-se senhor arbitrário de seu movimento), não estaria aí a questão de o quão consciente ele se torna de seu papel no universo, à medida que este sujeito, porventura, se aperceba do grau de sua consciência como sujeito “agente” no universo e possa deliberadamente modificar sua maneira de pensar? Pois para a Capra (1990), o sujeito é que faz com que a micropartícula surja em determinado tempo/espaço como matéria: sem a mente/ação do pesquisador, tal matéria, corpúsculo, se torna difuso numa variável de onda que pode estar em qualquer tempo-lugar e ao mesmo tempo como uma miríade de possibilidades!

Assim, é de se pensar se:

a) o policial Murphy, ao escolher seu caminho como tira, utilizou seu livre-arbítrio; e se assim não o fosse, poderia ter optado por atuar de outra maneira, por exemplo, como no crime, igual àqueles que o “assassinaram”?;

b) uma vez escolhido ser policial e assassinado em ação, o policial Murphy, ao ter sua “mente” morta e ressuscitada graças à tecnologia daquele futuro possível (com implantes de chips e programações e instruções reelaboradas por outros humanos) estaria daí então destituído de suas escolhas, pois seu novo arranjo mental configurado lhe repassaria ordens para atuar a favor dos programas instalados que seriam diretrizes, tais como capturar foras-da-lei sem machu-

car inocentes (portanto, destituído de livre-arbítrio, pois seu EU não seria o mesmo conectado ao cosmo, via hemisfério direito, e sim, um eu conectado a fontes mais restritivas, que seriam os programas da polícia. Paralelo à explicação de Rohden, agora Murphy seria um alo-pensado sem consciência de ser regido, e todas suas ações seriam geridas diretamente por esse eu sem a contraparte do servidor “ego”, que estaria desligado. Portanto, um autômato (ou um androide na acepção de Isaac Asimov), e como diria Rohden (1984), nesse caso, estaria o autômato imbuído de **substância alo-agida (alo-determinismo)**, desprovida de **circunstância auto-agente (auto-determinismo)**;

c) À terceira e última hipótese desse quadro, questionar-se-ia se algo “age” antes da mente do sujeito que pensa estar fazendo a escolha da ação (que já foi pré-eleita pela atividade elétrica): nesse caso de RoboCop, destituído de sua vontade (ego), em que sua mente seria o programa de computador nele inserido, enquanto obedecendo a tais prerrogativas sem conflitos outros (tais quais como nos animais que respondem à natura). Porém, a partir do momento em que a mente humana de Murphy começa a se recobrar lentamente via memória, como algo que se insurge à revelia dos programas (e como um paradoxo quântico não mensurável e não aventado pela OMNI), poder-se-ia conjecturar que a “atividade elétrica” nesse caso teria ocorrido ao contrário, pois seria a mente do policial que pré-elegeria a ação antes da mente autômata programada, fazendo a vez do livre-arbítrio que fora tomado de Murphy após o implante dos chips e posterior programa de “apagamento” de suas memórias como humano.

Considerações meta-humano-tecnológicas

Como se vê, a intrincada teia de questões envolvendo a natureza quântica humana não é simples de se resolver, e vem à tona com a premissa desse filme de FC, tanto na versão original como na sua releitura. Porém, um dado fica claro: a transformação do policial para um autômato, via OMNI, e posterior retirada de todo e qualquer resquício de sua memória humana mostra claramente que a tecnologia desenvolvida pelos humanos se sobrepõe a qualquer manutenção de senso humanitário, retirando-lhe as emoções, para fins racionais. E isso pode ser detectado na atualidade real, em que há uma teia tecnológica recobrando a “aldeia global” como diria McLuhan (1979), com a Internet e sistemas outros criados regendo as leis, os códigos digitais e as cobranças eletrônicas etc.

Todas essas respondem pelo termo “sistema” (o “sistema” caiu; o “sistema” não permite a transação etc.), que mostra claramente a supremacia da tecnologia-golem engolfando com um sopro contrário à vida, a vontade do livre-arbítrio humano, quer seja do eu pequenino junguiano, quer seja do ego, ainda que se levante o *Self* junguiano ou o Eu de Rohden, que também sucumbem ante o “sistema” kafkaniano atual, em que a tecnologia, uma cria-monstro que toma vida, é imperatriz e se porta como agente-causa de todos os acontecimentos.

No filme, Murphy foi assassinado em missão, mas foi revivido pelo sistema e pela tecnologia, porém, retirando-se sua “alma”, seus desejos, seus sentimentos e seu “livre-arbítrio” humano (fosse qual fosse este), para ser-lhe imputado um desígnio prefigurado por ou-

tros homens para que ele servisse como um robô asimoviano de feições ciborgues.

Porém, ainda que não se tenha certeza do livre-arbítrio, seja conforme Rohden explanou – concernente ao grau de consciência – seja conforme as pesquisas científicas atuais trouxeram – como atividades cerebrais que antecedem o desejo do sujeito – ou ainda conforme Capra asseverou de acordo com as possibilidades várias a se escolher detectadas na física quântica, Murphy teve de volta aos poucos sua memória, à revelia dos programas do sistema, ainda sem que se saiba de onde lhe adveio o retorno delas, para se insurgir contra a pura tecnologia racional (hemisfério esquerdo cartesiano), e trazer de volta o humano com seus desígnios e humores, mas também sua ética e moral e intuição criadoras (hemisfério direito intuitivo cerebral), atuando pragmaticamente (cérebro central réptil) na escolha quântica de um *momentum*-tempo-espço a seu desejo ego-SELF-EU ético e moral.

Assim, ainda que permanecendo as dúvidas conquanto a uma livre ação (ou não tão livre assim), RoboCop é, de toda maneira, um libelo ao humano que vence – ao menos nessa ficção científica – a tecnologia *per si*, resgatando a si mesmo como ser vivente natural, e não artificial!

Referências

- ANDRAUS, Gazy. *As Histórias em Quadrinhos como informação imágica integrada ao ensino universitário*. Tese de doutorado. USP: São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-13112008-182154/>
- AVENTURA E FICÇÃO. *Edição especial RoboCop*. São Paulo: Abril, n. 8, 05/11/87.
- ASIMOV, Isaac. O Vocabulário da Ficção científica. In *No mundo da Ficção Científica*. São Paulo: Francisco Alves Editora, 1984.
- CAPRA, Fritjof. *O Tao da Física*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (dicionário); BARROSO, Márcio Ellery Girão (software). *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI. Nova Fronteira. Software do dicionário*. MGB Informática LTDA. Novembro de 1999.
- FRANCO, Edgar; COUTO, Mozart. *BioCyberDrame Saga*. Goiânia: UFG, 2013
- GOSWAMI, Amit. *A física da alma*. São Paulo: Aleph, 2005.
- INFOPÉDIA. Francis Bacon (pintor). Porto: Porto Editora, 2003-2014. Disponível em <[http://www.infopedia.pt/\\$francis-bacon-\(pintor\);jsessionid=NcA78ytjIW8vr5vbIRdJIg__](http://www.infopedia.pt/$francis-bacon-(pintor);jsessionid=NcA78ytjIW8vr5vbIRdJIg__)> Acesso em 02/08/2014.
- KUNZRU, Hari; HARAWAY, Donna. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- LOVETT, Jamie. RoboCop Director José Padilha Talks About His Vision For The Film. *Comicbook.com*. 01/27/2014. Disponível em: <<http://comi>

cbook.com/blog/2014/01/27/robocop-director-jose-padilha-talks-about-his-vision-for-the-film/> Acesso em 02/08/2014.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1979.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2004.

ROHDEN, Huberto. *Entre dois mundos*. São Paulo: Alvorada, 1984.

ROHDEN, Huberto. *O homem e o universo*. São Paulo: Alvorada, 1982.

YARAK, Aretha. O livre-arbítrio não existe, dizem neurocientistas. *Neurociência*. *Veja*. 27/02/2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/o-livre-arbitrio-nao-existe-dizem-neurocientistas>> Acesso em 03/08/2014.